

As mudanças no corpo da mulher Warao em seu processo migratório da Venezuela à Manaus/Brasil

The changes in Warao women's bodies as they migrate from Venezuela to Manaus/Brazil

Viana Pinto Farias, Rosa Patrícia*

Secretaria de Estado de Educação e Desporto
Escolar – SEDUC - Amazonas. Brasil.
rosa.patricia.farias@gmail.com

Golin, Carlo Henrique**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
Brasil.
carlo.golin@ufms.br

Resumo

Este artigo apresenta uma discussão sobre o corpo da mulher da etnia venezuelana Warao, que vive em Manaus, capital do Amazonas (AM), no norte brasileiro. Essa etnia passou, na última década, por um processo migratório que exigiu adaptações extremas em seu modo de viver, em suas emoções, suas percepções e em seus corpos. O objetivo é retratar algumas das mudanças ocorridas no corpo dessa mulher, comparando as suas tradições corporais, em termos de práticas social, econômico e cultural em sua antiga comunidade, com as formas atuais de (sobre)vivências corporais. Portanto, o trabalho parte da mulher Warao do delta do Orinoco para a mulher Warao que vive em Manaus na condição de imigrante, intrusa e/ou mendiga. Assim, no trabalho utiliza-se de elementos bibliográficos sobre migrações e corpo da mulher Warao, além de uma abordagem descritiva qualitativa sobre as situações cotidianas dessa população. Observou-se que mesmo com as dificuldades surgidas no decorrer do processo migratório da Venezuela ao Brasil (Manaus-AM), a mulher Warao tenta adaptar-se à sua nova rotina de vida e expressão corporal, tentando manter viva sua história e cultura originárias.

Palavras-chave: Corpo; Migração; Mulher; Warao; Manaus.

Abstract

This article presents a discussion about the body of women from the Warao Venezuelan ethnic group, who live in Manaus, the capital of Amazonas (AM), in the north of Brazil. In the last decade, this ethnic group has undergone a migration process that has required extreme adaptations in their way of life, their emotions, their perceptions and their bodies. The aim is to portray some of the changes that have taken place in this woman's body, comparing her bodily traditions, in terms of social, economic and cultural practices in her former community, with the current forms of bodily (over)experiences. Therefore, the work starts from the Warao woman of the Orinoco delta to the Warao woman who lives in Manaus as an immigrant, intruder and/or beggar. The work uses bibliographical elements on migration and the Warao woman's body, as well as a qualitative descriptive approach to the daily situations of this population. It was observed that even with the difficulties encountered during the migration process from Venezuela to Brazil (Manaus-AM), Warao women try to adapt to their new life routine and body expression, trying to keep their original history and culture alive.

Keywords: Body; Migration; Woman; Warao; Manaus.

* Doutoranda (Bolsista CAPES) no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia (Universidade Federal do Amazonas – UFAM). Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela UFAM. Graduada em História pela UFAM. Professora de História da rede pública estadual de ensino de Manaus (AM – Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4428-512X>

** Doutor em Educação Física pela Universidade Católica de Brasília (2017); Mestre em Educação Física pela Universidade Metodista de Piracicaba (2005); Especialista em Educação Física Escolar (2000) e graduado em Educação Física (1999) pelas Faculdades Integradas de Fátima do Sul. Atualmente é Professor Adjunto do curso Educação Física (licenciatura) e do Programa de Pós-Graduação no Curso de Mestrado Profissional em Estudos Fronteiriços (MEF), ambos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) - Câmpus do Pantanal (CPAN), em Corumbá/MS. Líder do GePPan (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física do Pantanal) - UFMS/CPAN. Tem experiência em Educação Física, com ênfase em Licenciatura, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Física Escolar, Formação de Professores, Educação intercultural e Fronteira. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1858-6068>

As mudanças no corpo da mulher Warao em seu processo migratório da Venezuela à Manaus/Brasil

Introdução

Já faz alguns anos que as palavras *corpo* e *corporeidade* estão em evidência. Em um extremo temos corpos de modelos, esportistas e milionários estampando propagandas nos mais diversos meios de comunicação e sendo objeto de curiosidades diversas. Muitas vezes, esses corpos tornam-se supervalorizados, invejados e até copiados. No outro extremo, temos os corpos desprezados, normalmente ligados às questões da indigência, mendicância, prostituição e outras questões que adentram no foro íntimo e/ou socialmente não aceitos numa comunidade. Algo que também pode ocorrer, com até certo “peso” específico de desprezo, com o corpo da mulher indígena em condição de pobreza e em situação de imigrante. Portanto, três elementos recaem sobre essa mulher que fatalmente lhe propiciam o enfrentamento sobre as condições de estranhamento, xenofobia, violência e exclusão social. De forma concreta e específica, essa situação pôde ser observada no caso da mulher da etnia indígena venezuelana Warao em seu processo migratório entre a Venezuela e Manaus, a capital do estado do Amazonas, na região Norte do Brasil.

Há quase uma década Manaus presenciou um evento que causou expressivas mudanças nas esferas social, política e econômica da cidade, pois desde 2016 a capital amazonense recebeu uma enorme onda de imigração venezuelana. As pessoas que participaram desse movimento migratório, em sua maioria, eram membros da população nacional, os *criollos* (como os indígenas chamam os venezuelanos não indígenas). Dentro desse grupo, um subgrupo, o dos indígenas Warao, destacou-se por suas vestimentas coloridas, sua língua particular e seu ancestral comportamento de isolamento. Diante desse processo migratório em Manaus, os indígenas e não indígenas se abrigaram inicialmente na rodoviária municipal, na zona Oeste da cidade. O poder público não interveio de imediato e as pessoas foram se aglomerando nos arredores do terminal rodoviário, ao mesmo tempo em que

o alto número de imigrantes que desembarcavam permanecia uma constante. Assim, esses indivíduos improvisaram suas novas “casas”, com lonas, pedaços de plástico e papelão, ao mesmo tempo em que cozinhavam, cuidavam das crianças, confeccionavam e vendiam artesanatos. Nessa marcha, era comum ver mulheres nas imediações com seus filhos menores amarrados aos seus quadris na tentativa de vender seus artesanatos e, ao mesmo tempo, completar a renda familiar com os frutos da mendicância.

Foi a partir dessas observações empíricas que se levantaram os seguintes questionamentos orientadores: a) Quais usos a mulher Warao dava a seu corpo, enquanto vivia em sua antiga comunidade, no delta do Orinoco, na Venezuela? b) Quais desafios o corpo dessa mulher enfrentou em seu processo migratório do nordeste venezuelano até Manaus? c) Houve mudanças na forma que a mulher Warao usa seu corpo, sobretudo agora vivendo em Manaus? São perguntas complexas, sobre um tema que se mostra relevante na região, pois é pouco estudado. O corpo de uma mulher indígena e imigrante não costuma ser alvo de capas de revistas especializadas em moda e/ou beleza, já que na maioria das vezes as suas imagens estampam reportagens sobre dinâmicas migratórias, bem como tratam de seu processo de luta por adequação e sobrevivência, além da necessidade de ter um lugar para viver dignamente.

Metodologicamente, esta pesquisa combinou, inicialmente, levantamento bibliográfico sobre teorias do corpo e análise de reportagens locais acerca da etnia Warao, sempre sob a perspectiva de gênero. A etapa de campo foi possível graças à aprovação de um projeto em 2017 pelo Programa Ciência na Escola (PCE) da FAPEAM, agência à qual um dos autores, docente da rede pública estadual de Manaus, tem prerrogativa de submeter propostas. Este projeto permitiu que a docente, acompanhada por cinco alunos-pesquisadores, visitasse o Centro de Acolhimento Institucional de Adultos e Famílias, no bairro Coroadó, zona leste de Manaus. Lá, foi

estabelecido diálogo com a equipe multidisciplinar (assistentes sociais, enfermeiros, psicólogos, entre outros) que acompanhava os Warao. Vale ressaltar que não houve autorização para interação direta, entrevistas ou registro de imagens com os membros da etnia; os dados sobre as mulheres Warao foram coletados por meio da observação e das conversas com a equipe responsável. As imagens que ilustram este trabalho, portanto, não são de nossa autoria, sendo de domínio público e disponíveis em diversos sites da internet.

Adicionalmente, este estudo incorporou observações de um dos autores sobre mulheres em situação de mendicância nas ruas de Manaus, realizadas continuamente de 2016 até o presente. As análises e discussões foram conduzidas sob uma perspectiva qualitativa, buscando debater o corpo da mulher Warao desde o nascimento. O foco foi compreender a importância e as transformações na função do corpo ao longo das diversas fases da vida — infância, adolescência, vida adulta e velhice — comparando suas experiências no lar venezuelano de origem com sua atual situação em Manaus, Brasil.

Para tal, o artigo está organizado em outras duas partes, sendo que na primeira busca-se fazer uma abordagem ao mesmo tempo histórica e fenomenológica do corpo da mulher Warao desde seu nascimento até a morte, em sua comunidade natal. Em seguida, é apresentado o corpo da mulher Warao em sua mobilidade da Venezuela a Manaus, destacando as mudanças ocorridas considerando a vivência em solo manauara.

O corpo da mulher Warao no delta do Orinoco

A mulher da etnia venezuelana Warao - juntamente com seu grupo familiar - está vivendo em Manaus desde o ano de 2016 e carrega em seu corpo as marcas da migração forçada, da mendicância, da invisibilidade. Acerca das múltiplas formas de se referir a esse corpo imigrante, Albuquerque (2020) descreve que há uma série de metáforas que traduzem os corpos dos imigrantes como “corpos flutuantes”, “corpos desenraizados”, “corpos sem vida”, “corpos excluídos”, “corpos fora do lugar”, “corpo modificado culturalmente”, “corpos indesejáveis”. Apesar disso, não se pode esquecer que esse corpo, mesmo deslocado de seu ambiente natal, possui marcas que contam sua história. De certa forma, o corpo no seu sentido sociocultural, carrega consigo uma imagem representativa, sendo indissociável da sua história. Inclusive, Le Breton afirma que:

...as relações corpo-mundo são experiências e moldes oriundos de seu contexto social e cultural em que o ator se insere; o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento etc. Antes de qualquer coisa, a existência é corporal. (Le Breton, 2007, p. 7)

Assim, esses aspectos acabam remetendo, invariavelmente, às tradições. No caso, é preciso contextualizar que os Warao são originários do Delta do Orinoco, no Estado do Delta Amacuro, no nordeste venezuelano. Eles ocupam a região há cerca de 8 mil anos e constituem o segundo povo indígena mais populoso da Venezuela, contabilizando aproximadamente 49.000 pessoas (Ramos, Botelho e Tarragó, 2017). O Delta é uma região onde se misturam águas salgada e doce, possui um ecossistema rico e produtivo para o povo que vivia da caça, da pesca e coleta de produtos da floresta. O termo Warao traduz-se como “povo do barco” (Robert Clark, 2009), origem dada pela conexão íntima desse povo ao longo da vida com a água. São falantes de língua comum do mesmo nome, embora apresente empréstimos dos troncos linguísticos aruaque e caribe (Ramos, Botelho e Tarragó, 2017).

Suas casas, conforme a Figura 1, são feitas sobre o rio, sempre próximas às outras, utilizando árvores da geografia local. Tais casas não possuem portas nem janelas, mas possuem paredes que devem resistir ao vento, ao sol e à chuva. Esse modelo de construção favorece o contato do corpo Warao com os elementos da natureza desde cedo: o rio, o vento, as chuvas, o sol, os animais.

Figura I. Casas Warao no delta do Rio Orinoco

Fonte: EJ Atlas.

Merleau-Ponty (1945) afirma que “... o corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles” (p. 122). E o mundo Warao, antes das diversas intervenções que sofreu, estava conectado a outros povos indígenas e à terra, em uma dinâmica de vida marcada pelo trabalho, pelos ensinamentos, pelos festejos e pelo convívio com a natureza de forma respeitosa. Esse mesmo autor afirma que “... o mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo; ele é inesgotável” (Ibidem, p. 14). Por isso Nóbrega (2018, p. 53) cita que Merleau-Ponty enfatiza a verdade do corpo em sua subjetividade, na historicidade, na estesia das relações afetivas, sociais, históricas e nas aventuras do imaginário.

Outro aspecto que ocorre em muitas comunidades indígenas é a diferença entre os papéis do homem e da mulher em relação à família, ao trabalho e às crenças. A mulher é o eixo central ao redor do qual gira a sociedade Warao e, de fato, nos âmbitos cosmológico, religioso e cotidiano, as mulheres recebem atenção e respeito formidáveis. Em uma abordagem crítica sob a perspectiva ocidental e capitalista, Martin (2006) relembra que a mulher, desde a industrialização do século XX, teve sua vida pública dividida em dois mundos: o trabalho e a casa. Segundo a autora, as mulheres estavam ligadas à família, “onde tantas funções naturais e corporais ocorrem, enquanto os homens estão envolvidos com o mundo do trabalho” (p. 54,55), cujas funções culturais e mentais envolvidas no processo eram mais importantes.

De acordo com a cosmovisão Warao, atribui-se à mulher a criação do mundo físico, o gênero masculino, o bosque, a fauna (Lafée e Wilbert, 2001). O corpo da mulher Warao experimenta e transmite essa multiplicidade de emoções desde o nascimento até seu último suspiro. Em seu ambiente natural, entre os rios deltanos e a floresta, ela experimenta, no decorrer de sua vida, o contato com seu núcleo familiar, com os demais membros de sua comunidade, com a natureza, o trabalho, as crenças, as danças.

O corpo não é coisa, nem ideia: o corpo é movimento, gesto, linguagem, sensibilidade, desejo e expressão criadora (Merleau-Ponty, 1997). Falar do corpo da mulher Warao perpassa também pelo aspecto da maternidade. Por exemplo, a chegada de um bebê Warao ao mundo é um misto de aromas, sons, emoções e sensações, pois o bebê vem a esse mundo pelas mãos de outras mulheres da comunidade, em uma atmosfera repleta de cantos e preces, incluindo os rituais e encantamentos que invocam poderes sobrenaturais que facilitam o parto (Lafée e Wilbert, 2001).

O leite materno será o único alimento do bebê até os seis meses de vida. Nesta fase da vida da menina Warao, a mãe passa pouquíssimo tempo longe de sua filha. O asseio pessoal é realizado pela genitora, utilizando-se a água retirada do rio e colocada no sol antes do banho. A água será esfregada no corpo da bebê a fim de que, segundo uma crença Warao, “... lhe fortaleça os membros inferiores” (Ibidem, p. 84). Durante a noite, a fim de protegê-la das baixas temperaturas do delta do Orinoco, sua mãe dormirá com sua menina em uma rede, a fim de lhe proporcionar abrigo e calor. Uma pequena fogueira é acesa próxima às duas, com as funções de aquecê-las e protegê-las contra os insetos.

A partir dos sete meses, a pequena Warao passa a ter acesso a outros alimentos para além do leite materno, sobretudo comidas típicas da culinária Warao como o *ocumo chimo*, uma planta tropical que se desenvolve em zonas pantanosas e debaixo da água (Viloria e Córdova, 2008), além de alguns tipos de peixe locais. Nessa fase, já pode desfrutar do carinho e aconchego dos braços de suas avós, tias e primas da comunidade. Também nesse período a menina será motivada fisicamente, de forma particular com exercícios simples de apoio corporal:

... o pai, os irmãos ou outro membro da família estendida, em seu período de ócio, brincarão com ela. Eles a sustentarão pelos braços e a farão apoiar-se em suas pernas para fazê-la brincar com o fim de se exercitar e fortalecer suas extremidades inferiores. (Lafée e Wilbert, 2001, p. 85-86)

Tais exercícios se tornam essenciais para quando a menina começar a dar os primeiros passos.

Por volta de doze a catorze meses seguintes ao seu nascimento...

... os braços de sua mãe se transformarão em uma extensão de seu próprio corpo, onde terá não somente segurança emocional - necessária a um recém-nascido neste mundo tão inóspito, no qual dependem exclusivamente dos cuidados maternos - como também alimento necessário desde o ventre de sua mãe. (Ibidem, p. 83)

Passado o primeiro ano de vida da menina Warao, ela está mais independente, embora seja necessário um olhar constante sobre a criança que agora possui condições de correr, saltar, alimentar-se sozinha e dormir sem a presença da mãe, já que agora possui sua rede própria. Nesta fase, sua mãe cantará para ela canções de ninar que ensinam sobre o cotidiano da comunidade (trabalho, membros da família, natureza...) e os perigos que a rodeiam. Por exemplo, se a menina chorar muito alto, pode atrair animais predadores noturnos. Também ao ouvir as canções de suas mães e as falas de outros membros da comunidade, a menina Warao aprende suas primeiras palavras, sobretudo repetindo as mais frequentes, aumentando seu repertório diariamente (Lafée e Wilbert, 2001). Para Nóbrega (2010), é de vital importância a vivência da linguagem, pois "...nem tudo na linguagem é consciente ou pensado; porém, precisa ser vivido para adquirir sentido" (p. 39). Ainda sobre o desenvolvimento da linguagem, Santaella afirma:

É através da linguagem que os humanos se constituem a si próprios como sujeitos, porque é apenas a linguagem que pode estabelecer a capacidade de a pessoa se colocar como sujeito, como a unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências reais que ela reúne, produzindo a permanência de consciência. (Santaella, 2004, p. 18)

Já entre os dois anos de vida até os quatro – como parte do cuidado e do carinho dado por seus parentes mais próximos - sua visão e audição serão treinadas para detectar a presença de cobras e outros animais que representam perigo. Os homens Warao, em particular, confeccionam uma “vara de cobra”, com formato de chicote, que imita a picada de uma serpente, e usam nas pernas das crianças para que elas sintam um pouco da dor causada pela verdadeira picada de cobra. Tal estímulo é considerado necessário “para evitar que as crianças sejam mordidas por cobras enquanto brincam nos bosques próximos” (Ibidem, p.

90). Essa realidade é, em parte, contextualizada por Morin (1977) quando diz que “todo o conhecimento, seja ele qual for, supõe um espírito cognoscente cujas possibilidades e limites são os do cérebro humano, e cujo suporte lógico, linguístico e informal vem duma cultura, e, portanto, duma sociedade *hic et nunc*” (p. 86).

Entre o seis e sete anos, o corpo da menina Warao começa a ser moldado para aprender como realizar as tarefas domésticas, que são os primeiros ensinamentos que recebe. Portanto, ela já é introduzida nos diferentes ofícios da comunidade local. Nessa fase, por exemplo, passa a acompanhar a mãe ao *conuco* (pequena horta familiar), a semear e colher os alimentos previamente plantados por sua genitora e outras mulheres da comunidade, começa a ter os primeiros contatos com temperos e ervas que farão parte de sua dieta alimentar. Nesse momento, sabores, aromas e texturas entram em contato com seu paladar, tato e olfato. Sobre esses aspectos de “formação” do corpo cultural, Lopes (2012) descreve que “...o corpo, desta forma, é o meio que nós utilizamos para explorar esse mundo de sabedoria, e que estabelece, através de seus processos culturais e simbólicos, uma relação recursiva com o mundo...”, no caso o “mundo” da comunidade Warao. Esse período também é marcado pelas brincadeiras envolvendo objetos do cotidiano: sementes, frutas, cordas e outros objetos (Figura II), além do mundo que a rodeia: rios, canoas e florestas (Figuras III e IV)

Figura II. Menina Warao brincando, no delta do rio Orinoco



Fonte: Disponível em <https://travelwiththesmile.com/blog/daily-life-of-warao-indians-in-venezuelan-jungle/#comment-9290/> Foto: Maya Steiningerova.

Figura III. Crianças Warao em canoas



Fonte: Disponível em <https://travelwiththesmile.com/blog/daily-life-of-warao-indians-in-venezuelan-jungle/#comment-9290>/ Foto: Maya Steiningerova.

Figura IV. Crianças Warao brincando no rio



Fonte: Disponível em <https://travelwiththesmile.com/blog/daily-life-of-warao-indians-in-venezuelan-jungle/#comment-9290>/ Foto: Maya Steiningerova.

Nessa mesma época da infância Warao, a menina também aprende a manobrar uma canoa sozinha (Figura V), assim como aprende a limpar e cozinhar o pescado. “Elas aprendem de tanto olhar como nós fazemos”, relata Amalia Zapata, uma das muitas mulheres Warao do *caño*¹ Winikina, na região do rio Orinoco. Segundo os autores de *Hijas de la luna* (Lafée e Wilbert, 2001), a cooperação das mulheres Warao foi constante durante os quatro anos que duraram as investigações que resultaram nessa obra.

¹ Como são chamados os rios interligados ao grande rio Orinoco: igarapés.

Figura V. Meninas Warao em canoa, no rio Orinoco (Venezuela)



Fonte: Disponível em <https://amazoniareal.com.br/crise-na-venezuela-indios-warao-fogem-para-o-brasil-mas-sao-deportados-pela-pf/> Foto (divulgação).

Quando se considera até aqui as imagens destacadas, já fica claro que elas são fruto do seu contexto e história, por isso de acordo com o argumento moriniano, todo o desenvolvimento humano na questão cultural se deu em meio aos saberes gerados a partir da relação entre o homem e o conjunto de processos culturais em que está inserido (Lopes, 2012). Já Nóbrega (2018), baseando-se em Merleau-Ponty, comenta que a corporeidade - que pode ser observada e notada - também é formada pelo corpo do outro, pela intercorporeidade. Já Le Breton (2007) comenta sobre o corpo e sua relação no mundo ao chamar atenção para os processos de aprendizagem, na qual esse corpo é a base dessas relações, sendo

...o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator. Através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade. (p. 7)

Seguindo a cronologia da menina Warao, é por volta dos oito e nove anos ela aprende a fazer redes e entrelaçar cestas sozinha, ambos elementos do artesanato local. Esses dois itens acompanham os Warao em quase todos os momentos de seu cotidiano, por isso sua fabricação é algo tão valorizado entre os membros dessa etnia. Enquanto aprende esse ofício, suas mãos sentem o toque da mãe, o aspecto do buriti (matéria-prima principal de confecção desses bens) e o entrelaçamento das fibras até o produto final (Figura VI). Essa tradição cultural pode ser relacionada com o que afirma Nóbrega (2010, p. 39), quando esclarece que "...o conhecimento do mundo não está desligado

da experiência", sobretudo entre o ser humano e o mundo.

Figura VI. Meninas Warao fazendo artesanato a partir da palha do buriti



Fonte: Disponível em: <https://roraimaemfoco.com/da-miseria-ao-empreendedorismo-em-roraima-indigenas-warao-transformam-fibra-de-buritizeiro-em-fonte-de-renda/>. Foto: Marley Lima.

Aos dez anos, a menina Warao assume diversas responsabilidades como cozinhar, lavar, semear, pegar lenha e cuidar dos irmãos (tudo ensinado por sua mãe). É comum vê-la sempre rodeada por familiares e amigas que reforçam ensinamentos sobre costumes, hábitos e obrigações sociais (Figura VII). É o que Lafée e Wilbert (2001) comentam quando dizem que: "... pouco a pouco a menina irá conhecendo a importância e o significado de ser mulher dentro do mundo Warao, onde a aldeia inteira e seu território tribal fazem as vezes de escola e centro educativo" (p. 95).

Figura VII. Meninas Warao rodeadas por familiares



Fonte: Disponível em: <https://travelwiththesmile.com/blog/daily-life-of-warao-indians-in-venezuelan-jungle/#comment-9290/> Foto: Maya Steiningerova

Na sequência, normalmente a partir dos 11 ou 12 anos, as meninas se afastam dos meninos e deixam de brincar com eles por considerá-los "muito rudes". Portanto, as brincadeiras ganham um tom de competição para saber quem é mais rápido e habilidoso, sendo que Lafée e Wilbert (2001) comentam que o menino passa a se dedicar à construção de canoas e a menina foca em confeccionar redes. Nessa fase da vida, a menina Warao aprende, geralmente de seus avós, sobre o respeito à natureza, as crenças e os mitos fundadores de sua comunidade, narradas geralmente à noite pelos sábios. Além de todos esses acontecimentos, a menarca e as mudanças física são fatos que marcam profundamente a vida da adolescente Warao. Tal aspecto da cultura Warao, nesse caso, é semelhante ao que a medicina ocidental, conduzida majoritariamente por homens, defendida no século XIX, quando o sangue menstrual, sem dúvida, costumava ser considerado impuro e sujo (Martin, 2006).

Nesse período seu corpo experimenta várias sensações: além das questões físicas ligadas à menstruação em si, o corpo da menina Warao sente o peso da solidão, da reclusão e da exclusão, uma vez que ficará isolada até o fim de seu ciclo menstrual. Na sua cultura, o sangue significa vida, mas em contato com algum dos elementos do ambiente (ar, terra, água e fogo), na cultura Warao acredita-se que pode gerar enfermidades e até a morte.

A maioria dos tabus femininos estão intimamente relacionados à menstruação. Os tabus vinculados à mulher, enquanto padece seu período menstrual, estão diretamente ligados à condição física e à matéria cósmica. Os fluídos sanguíneos e os sentidos corporais, como agentes de materialidade e espiritualidade, são receptores e transmissores da seiva vital. Portanto, o sangue menstrual ou plasma em decomposição, ao fusionar-se à corporeidade do ambiente: ar, terra, água e fogo através dos sentidos corporais, pode passar sua potência maléfica contaminante e gerar doenças e até a morte. (Lafée e Wilbert, 2001, p. 110)

Por isso, essa fase da mulher Warao é marcada por muito zelo e introspecção, ao mesmo tempo em que é anunciada à toda a comunidade, sendo motivo de grande alegria. Os homens constroem barracas, onde a menina ficará isolada, longe do restante da comunidade, ou pelo menos, longe de seu núcleo familiar. Esse período marca o início das responsabilidades e tarefas de uma mulher adulta, já que a reclusão do período menstrual é aproveitada para aprofundar os conhecimentos acerca do novo papel que deve desempenhar dentro da sociedade.

Após esse período de reclusão - que dura o período menstrual - a jovem toma um banho que a purifica da força malévola e contaminante que contém o sangue menstrual. Esses banhos são realizados em estruturas construídas pelo pai da moça, auxiliado por voluntários da comunidade. Esse processo também envolve crenças e rituais: apenas determinados troncos de árvores podem ser utilizados na construção desses assentos, assim como as medidas utilizadas nos mesmos. A parte de talhar a madeira fica a cargo exclusivo do pai. O encaixe da madeira e o restante da construção podem contar com a ajuda de outros homens da comunidade. Com a estrutura finalmente pronta e depois do último banho, a jovem está capacitada para o retorno à vida normal. Esses banhos são cerimônias costumeiras que simbolizam uma "... depuração mística, uma decantação espiritual que lhe abre o caminho da mudança, da expiação, de alívio, de transcendência e reincorporação, ao estabelecer ligações harmoniosas entre elas, o universo e sua organização social" (Ibidem, p. 119)

Além do convívio com a família, com os amigos da comunidade e do exercício de funções de cooperação (trabalho), também as danças, as músicas e as celebrações fazem parte de sua vida desde que era criança. Ainda na mais tenra idade, ela acompanhou esses momentos nos braços das mulheres da comunidade. De forma natural, agora já adulta, dança também até para poder, por exemplo, participar em agradecimento pela colheita ou outra festividade. Nesses momentos, o corpo experimenta sensações de pertencimento, de relação com o outro. Seus corpos são cobertos por vestidos coloridos ou de cores fortes, além de acessórios como brincos, colares e cocares; o rosto recebe maquiagem (Figura VIII).

Figura VIII. Mulheres Warao dançando



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VAcMiaDQLM&t=87s> (Fecha de consulta: 6/06/2025)

Quando o assunto é beleza, a adulta mulher Warao gosta de cuidar dos cabelos com óleo de coco, de pintar o corpo, de usar colares feitos com pequenas sementes de frutas e conchas (Figura IX). Nessa fase, a mulher já está preparada para o casamento e é ela quem escolhe o homem com quem quer partilhar sua vida, seu corpo e novas sensações (Lafée e Wilbert, 2001).

Figura IX. Mulher Warao com seu colar de mostacilla (miçangas)



Fonte: Arquivo IVIC.

Logo, o corpo da mulher Warao já está preparado para o casamento e, ao juntar-se ao seu companheiro, ela passa a experimentar outras sensações proporcionadas pelo sexo, além da sensação de segurança e de proteção proporcionados pelo corpo masculino. Ao engravidar, é como se reiniciasse o mesmo ciclo que viveu ao nascer; portanto, busca ajuda das mulheres fitoterapeutas de sua família para sua gestação. Seu corpo agora é abrigo, proteção e fonte de vida para outro corpo. Tudo que aprendeu será repassado para seus filhos, em uma rede interminável de trocas de conhecimento. Por isso, é tão comum ver uma mulher Warao sempre rodeada por seus filhos (Figura X). Esse ciclo de vida pode ser relacionado e explicado com base nos dizeres de Le Breton (2007), quando comenta que é pela corporeidade que o ser humano mostra a sua existência no mundo, em especial naquele dado espaço social e cultural

Figura X. Mulher Warao e filhos, no Delta Amacuro, rio Orinoco, Venezuela



Fonte: Disponível em <https://consolataamerica.org/pt/primeiro-seminario-internacional-indigena-warao/> (Foto: Josiah K'Okal).

Quando o corpo da mulher Warao envelhece (Figura XI), este já viveu diferentes aspectos socioculturais de sua comunidade, transitando por sensações humanas de alegria da infância; a curiosidade da adolescência; a intimidade da vida adulta; a responsabilidade de ser mãe, ao mesmo tempo em que experimenta "...a triste realidade de presenciar a morte de 47% de seus filhos antes que cheguem à adolescência" (Lafée e Wilbert, 2001, p. 251). Inclusive, se o seu corpo não estiver debilitado e/ou enfermo, a anciã Warao vai continuar cuidando da casa, do marido, da coleta de alimentos e até pode até ajudar as filhas e noras no cuidado dos netos.

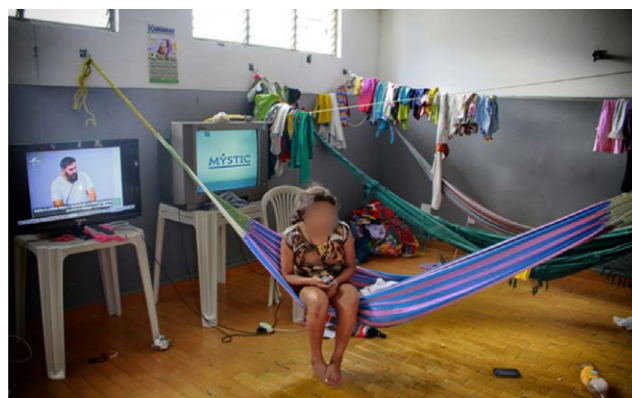
Figura XI. Mulher Warao idosa



Fonte: Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=VAcMia_DQLM&t=87s

Sobre o fim da vida, cada cultura enfrenta a morte à sua maneira. Entre os Warao, eles a aceitam como parte do ciclo da vida e a comparam a um cansaço físico que se apodera do corpo dos longevos. Mesmo assim, em seus últimos momentos, a anciã Warao está rodeada da família e das xamãs. Então, após seu último suspiro, suas filhas, irmãs e netas se encarregam de preparar seu corpo para o enterro, do jeito que aprendeu e lhes ensinou: seu rosto é limpo e pintado; seu corpo é vestido com a melhor roupa que tinha; seus colares e brincos são colocados com cuidado; é colocada no piso de sua casa, rodeada por seus objetos mais preciosos. É enterrada em meio a prantos e recordações de seus feitos e suas qualidades enquanto viveu no seio de sua família e comunidade. Cabe destacar que se o seu companheiro falecer antes (Figura XII), ela e seus filhos serão "herdados" pelo irmão ou parente mais próximo do morto. Mesmo assim, após um ano, ela estará livre para juntar-se a outro homem, de sua escolha. Essa nova união também é importante para fortalecer a equipe de trabalho comunitário, pois o homem Warao é responsável por cuidar da família e mantê-la a salvo de todos os perigos: providencia o alimento diário, caça, pesca e fabrica suas próprias armas (Lafée e Wilbert, 2001).

Figura XII. Mulher Warao sepulta seu companheiro



Fonte: <https://phmuseum.com/projects/wonderland-the-strange-inhabitants-of-delta-amacuro?f&b=bDwKGq/> Foto: Alvaro Laiz.

O peso da migração no corpo da mulher Warao

A década de 1960 é marcante para o povo Warao, até porque vários projetos e obras do governo nacional venezuelano causaram impactos sobre o ambiente e meio de vida desse povo. Além disso, na década de 1990, um surto de cólera e projetos de exploração de petróleo contribuíram para o êxodo Warao (García-Castro, Alvaro e Heinen, 1999).

Essas intervenções, somadas à crise generalizada na Venezuela deram início, ainda em 2014, a ondas migratórias para outros países, sobretudo para o Brasil. E a partir de 2016, para Manaus, capital do Amazonas.

Esse processo migratório, com entrada em terras brasileiras, é feito por transporte terrestre entre San Félix e Santa Elena de Uairén (Venezuela), cidades localizadas na fronteira com o estado brasileiro de Roraima, onde cruzam a linha para chegar a Pacaraima (RR). De lá, viajam para Boa Vista, capital do estado. Essa entrada no Brasil trata de um tipo migratório peculiar, uma vez que não há relatos de deslocamentos de indígenas em situação de refúgio para o Brasil (Simões, 2017). Por isso, conceitualmente, empresta-se os dizeres da Organização Internacional para as Migrações (OIM), que define a imigração como “o processo através do qual estrangeiros se deslocam para um país, a fim de aí se estabelecerem” (OIM, 2009, p. 33).

Deste modo, amplia-se e também concorda-se, nesse contexto, com Sayad (2002) ao asseverar-se que “... o imigrante é antes de tudo o seu corpo” (p. 283). Esse corpo chega desprovido de tudo; assim, além de não ser capaz de se projetar à realidade do país de destino, esse corpo não cria ou inventa nada; ele passa a conhecer as viagens de desenraizamento (Fanon, 2008), sem laços (Mbembe, 2017). Ser reduzido a um corpo, ter um corpo racializado, cujo olhar e domínio pertencem à sociedade que o hospeda, coloca o imigrante na situação de estar exposto aos outros, na sua vulnerabilidade por definição (Butler, 2017).

Como o primeiro Estado brasileiro que serviu de abrigo para os Warao foi Roraima, principalmente as cidades de Pintolândia e Pacaraima (Ramos, Botelho e Tarragó, 2017), foi lá que foram observadas inúmeras ocorrências relatando processos de violências, ameaças de deportação e acusações diversas sobre o povo Warao. Portanto, como comenta Sassen (2014), o corpo migrante carrega os sinais da brutalidade dos nossos tempos. Já Bourdieu (2014) afirma que “...o corpo designa não apenas a posição real, mas também a trajetória” (p. 248). Isto é, no caminho percorrido entre os dois países, a mulher Warao abandonou seu lar, sua autonomia, seu papel socioeconômico dentro de sua comunidade e até sua identidade, passando a ser vista pela maior parte das pessoas como invasora, pedinte, perigosa, preguiçosa. Seu corpo, antes acostumado com o trabalho, a natureza, a terra e o lar, agora está em um lugar estranho, alheio à sua vontade e ao seu entendimento. A conexão com o universo no qual nasceu e cresceu está cada vez

mais enfraquecida. Os braços que antes carregavam o fruto do seu trabalho, agora carregam seus poucos pertencem (Figura XIII).

Figura XIII. Mulheres indígenas da etnia Warao migram para Roraima



Fonte: Disponível em <https://amazoniareal.com.br/em-busca-de-comida-mais-de-100-indios-venezuelanos-warao-migram-para-manauas/> Foto: Marcelo Mora (Amazônia Real)

No processo de mobilidade, os traços físicos e as vestimentas da mulher Warao, tão valorizados e admirados entre seus pares, tornou-se objeto de estranhamento e preconceito pelos que agora fazem parte de seu cotidiano: os nativos brasileiros. É possível supor que em certas ocasiões a mulher calou-se para passar despercebida na multidão e não chamar atenção para seu corpo imigrante, indígena, *outsider*. Sobre esse ponto, Foucault e Ramallete (1996) denuncia o corpo submetido ao poder nas instituições, prisões, fábricas e escolas; o corpo submetido à repressão, à disciplina, à vigilância e ao controle. Arrisca-se a afirmar que também houve a submissão relacionada aos olhares de estranhamento e preconceito dos nativos: a cor da pele, os traços indígenas e o biotipo físico chamaram atenção dos moradores manauaras e essa visibilidade do corpo foi e ainda é uma das bases para produzir preconceitos e estigmas. Sua classificação resulta em preconceito e xenofobia. Esta situação pode se exemplificar nas palavras de Le Breton (2007) ao preconizar que os “...estereótipos são fixos preferencialmente em aparências físicas e se transformam naturalmente em estigmas, marcas fatais de imperfeição moral ou pertencimento racial” (p. 78).

Ao viver na Rodoviária de Manaus, na zona Centro-Oeste da cidade, em habitações montadas com lona e papelão, sem fonte de renda e vivendo às custas de doações, o corpo da mulher Warao foi descaracterizado (Figura XIV). Le Breton (2007) afirma

que, em circunstâncias como a migração, "...o corpo do imigrante, por mais que ele ou ela sinta o contrário, é visto e identificado com uma pessoa de fora, alguém que não pertence ao grupo dominante..." (p. 20).

Figura XIV. Mulheres Warao vivendo no Terminal Rodoviário de Manaus



Fonte: Site Amazônia Real /Foto: Alberto César Araújo, 2017.

Essa realidade vai se moldando com o passar do tempo: devido à falta de espaço no entorno do terminal rodoviário, muitos Warao atravessaram a rua e passaram a viver em barracas montadas embaixo do Viaduto de Flores (Figura XV). Apesar da insalubridade, nesses lugares seu corpo continuou sendo fonte de alimento, proteção e cuidado para os filhos menores.

Figura XV. Mulher Warao e criança sob o viaduto de Flores, em Manaus



Fonte: Site Exame/ Foto: Bruno Kelly/Reuters.

Devido esse contexto de vida adaptada nas ruas, a cidade passou a atender uma parte dessa comunidade no Centro de Acolhimento Institucional de Adultos e Famílias – local adaptado para receber os primeiros grupos de Warao chegados a Manaus. Ressalta-se que foi possível observar que as mulheres Warao improvisavam locais para cozinhar seus próprios alimentos (apesar do esforço da instituição em lhes oferecer um cardápio mais próximo ao do que estavam acostumados na Venezuela). Outras cuidavam das roupas que secavam ao sol, sempre reunidas em rodas. À distância, observavam seus filhos que pegavam água do bebedouro com uma garrafa de refrigerante, jogavam no chão e nele deslizavam: na ausência de rio, seu corpo sentia os efeitos das altas temperaturas do verão manauara. Um outro grupo de mulheres, sentadas no chão de uma sala afastada, posicionadas em uma roda, confeccionavam artesanato para venda e obtenção de recursos: as meninas adolescentes estavam junto, aprendendo esse importante ofício. Suas mãos, antes acostumadas com a palha do buriti, agora trabalhavam com miçangas plásticas e linhas de nylon, frutos de doações de ONG's e instituições religiosas. Nesse modelo de abrigo, adaptado às pressas (Figura XVI), seu corpo virou apenas mais um na multidão de desamparados e desabrigados.

Figura XVI. Mulher Warao com filhos e pertences em abrigo em Manaus



Fonte: <https://portalprojeta.com.br/2019/05/08/mpf-recomenda-abrigos-diferenciados-para-imigrantes-indigenas-venezuelanos-em-manaus/>
Foto: Ascom/MPF-AM.

Outros familiares (povo Warao) foram realocados em casas alugadas pela Prefeitura Municipal da cidade de Manaus, onde a situação era semelhante. Nesses locais, o corpo da mulher manteve algumas de suas atividades pré-imigração: o cuidado com os filhos, a responsabilidade de repassar a cultura em forma de língua, artesanato e crenças. Em outros aspectos, seu corpo não tinha espaço ou meios

para praticar suas antigas atividades, como o plantio, a colheita e o preparo dos alimentos, bem como suas danças, festividades e a prática do xamanismo, por exemplo. O que se observou nesses locais foram corpos engessados, totalmente deslocados de sua realidade venezuelana. Corpos que não se manifestavam em suas capacidades totais. A casa de madeira sobre o rio deu lugar a uma rede, onde seu corpo descansa sem privacidade, acompanhando o ritmo dos demais abrigados, em meio a sons de outras pessoas, de aparelhos televisores ligados e de crianças brincando e chorando (Figura XVII).

Figura XVII. Mulher Warao em casa alugada pela Prefeitura de Manaus



Fonte: <https://amazoniareal.com.br/migrante-cidadao-indios-warao-perdem-abrigo-de-triagem-em-manaus>. Foto: Alberto César Araújo.

De acordo com Farias (2022), há um grupo Warao que vive fora dos abrigos, pois seus membros optaram por viver de forma autônoma, principalmente nos bairros periféricos de Manaus, onde o aluguel é mais barato. Outros vivem em construções abandonadas ou cedidas. As mulheres não ficam muito tempo nesses locais, pois passam o dia exercendo a prática da mendicância. As mãos que antes recolhiam alimentos, agora recolhem esmolas. Elas são facilmente vistas nos semáforos e em portas de estabelecimentos comerciais, vivendo da mendicância, ao depender da solidariedade dos transeuntes que, na maioria das vezes, ignoram o seu agora corpo magro, fraco e cansado. As mãos que antes plantavam, colhiam, trançavam e cuidavam, hoje recebem alguns “trocados” de alguns doadores, que lhes dão notas de pequeno valor ou moedas (Figura XVIII). Na maioria das vezes, seu corpo está coberto por seus tradicionais vestidos coloridos, embora já estejam velhos e desgastados. Não

carregam adornos, pinturas ou enfeites em seu corpo, apenas uma pequena bolsa confeccionada com palha de buriti, pendurada de forma transversal em seu ombro, onde guardam as doações recebidas. Quando cansam, sentam-se à sombra de alguma árvore ou nas paradas de ônibus.

Figura XVIII. Mulher Warao exercendo a prática da mendicância



Fonte: Site Amazônia Real. Foto: Marcelo Mora/AmReal.

Ao passar os dias nas ruas, assumiu a imagem de pedinte: um corpo que parece cansado, estranho à cultura local, normalmente carregando uma criança consigo no colo (Figura XIX). Nesse contexto, Butler (2017) afirma que ser reduzido a um corpo migrante, ter um corpo racializado, cujo olhar e domínio pertencem à sociedade que o hospeda, coloca o imigrante na situação de estar exposto aos outros, na sua vulnerabilidade por definição.

Figura XIX. Mulher Warao com filho no colo



Fonte: Site Amazônia Real. Foto: Yolanda Simone Mêne.

Por consequência, a rotina da menina Warao também sofreu grandes mudanças, até porque agora, nas ruas, tem que acompanhar a sua mãe nos semáforos e/ou nas portas de estabelecimentos comerciais, seja no colo de sua genitora, no chão ou quando está ajudando na mendicância. Seu pequeno corpo experimenta as intempéries de estar exposta na rua, tais como o calor e a chuva, a fome e a sede, o chão áspero e sujo, o cansaço e o sono, isto é, as frustrações da “vida na rua”. Com todas essas dificuldades, tem a companhia e as brincadeiras de seus irmãos e amigos reduzida, além de um contexto hostil e não natural da cidade grande. Brinca sozinha com caixas de papelão e garrafas. Come o que a mãe recebe ou consegue comprar com o dinheiro das esmolas. Dorme em restos de caixas de papelão. Seu corpo é coberto com roupas “de brancos”: shorts, camisetas ou vestidos (Figura XX).

Figura XX. Indígena Warao em Pacaraima, estado de Roraima



Fonte: Site Amazônia Real. Foto: Cora Gonzalo.

Apesar de toda essa difícil e insalubre realidade em Manaus, como a xenofobia, a exclusão social, a falta de moradia e de trabalho, algumas mulheres Warao receberam um sopro de conforto, ainda que breve. Isso ocorreu quando houve a iniciativa de algumas instituições em oferecer momentos em que a cultura Warao é lembrada e vivida, de forma adaptada, através de cantos, preparação de comidas típicas, vestimentas e danças (Figura XXI). Nesses ligeiros momentos, o corpo da mulher Warao volta a ter contato com sabores, aromas, texturas, sons, sensações e percepções de sua antiga forma de viver, do seu lar “natural”.

Figura XXI. Mulheres Warao celebrando o Dia do Refugiado



Fonte: Instagram do Instituto Mana (@oinstitutomana), 2022.

Esses são alguns percalços sobre a trajetória da Mulher Warao em Manaus, refletindo o peso da migração sobre o seu corpo. Por isso, é importante a atenção do poder público local para conhecer melhor essa mulher que está vivendo em solo manauara; quais marcas seu corpo imigrante carrega; quais valores culturais seu corpo está conseguindo transmitir às novas gerações que estão nascendo em Manaus. Ainda, pode-se refletir outros questionamentos: Quando essa mulher Warao voltará a vivenciar ações próximas das que ela tinha em seu território natural? Ela poderá plantar, colher, cantar, dançar, praticar o xamanismo como antes, vivenciando o corpo de forma autêntica, como uma mulher Warao? É perfeitamente compreensivo que é difícil, até pela cultura e o novo contexto local, por isso entende-se que o desafio a essa realidade migratória está posta e perdurará por um bom tempo. Por isso, empresta-se o que Le Breton (2011) comenta: “...viver consiste em reduzir continuamente o mundo ao seu corpo, a partir do simbólico que ele encarna” (p. 7).

Considerações finais

A intenção desse artigo foi trazer uma reflexão sobre o corpo da mulher da etnia indígena Warao, originária do delta do rio Orinoco, no nordeste da Venezuela, destacando a vivência desse corpo nas diversas fases de sua vida e nos diversos aspectos que envolvem uma sociedade: econômico, social e cultural. As motivações para esta pesquisa originaram-se na percepção da notável quantidade de mulheres Warao nas regiões próximas à rodoviária municipal de Manaus, vistas nos semáforos, portas de farmácias, padarias e bancos, normalmente com seus

filhos nos braços para a prática da mendicância. Sua situação atual passa a impressão de serem apenas um espectro do que já tinham sido um dia, quando estavam em sua comunidade natal.

Devido à pesquisa bibliográfica, foi possível notar os principais estudos relacionados sobre o corpo da mulher Warao em sua antiga comunidade, sendo que, em seu ambiente natural ela é fundamental para sua família e para sua comunidade. Portanto, a mulher Warao é força de trabalho naquele local de origem, sendo também o apoio emocional aos que estão ao seu redor; tem lugar de destaque; recebe respeito que não se perde com o passar do tempo; divide as tarefas da comunidade com os homens; é uma guardiã da cultura, pondo em prática e repassando às novas gerações, todos os dias, o que aprendeu com seus antepassados nos mais variados aspectos: alimentação, vestuário, artesanato, relação e respeito para com a natureza, conhecimento em medicina natural, conselhos matrimoniais e a prática de rituais.

Além das descobertas iniciais, constata-se a necessidade de realizar maiores estudos a respeito das mudanças vividas no corpo da mulher Warao quando passou pelo processo migratório para o Brasil, o que foi transformador e desafiador. Acima de tudo, buscou-se saber se nesse processo abrupto de mudança há elementos da corporeidade na continuidade da herança cultural dessa etnia. Assim, notou-se que no percurso até Manaus, essa mulher perdeu muito mais do que o solo em que habitava: seu corpo foi afastado de seu antigo lar, bem como de suas antigas atividades. Também teve que se acostumar a novos lugares e novos usos para seu corpo, como a prática da mendicância. Atualmente em Manaus, essa mulher teve que readaptar seu corpo em situações do cotidiano, que agora envolvem velhas práticas em novos ambientes (cuidar dos filhos, dos bens) e de novas formas (caso do artesanato). Por isso, para que a memória de um povo seja perpetuada, percebe-se que é preciso conservar a linguagem, os costumes, os cantos e o artesanato - tarefas executadas pela mulher em sua comunidade.

Por fim, temáticas como essa, que envolve um grupo que foi estigmatizado e que se encontra deslocado, devem se tornar comuns no meio acadêmico, instigando discussões que reflitam em ações que diminuam essas lacunas do processo de mobilidade, no sentido de oportunizar melhorias na vida (corpo) dessas mulheres.

Referências bibliográficas

- Albuquerque, F. C. (2020). *Corpo suspenso: o (a) imigrante na mídia italiana* (Doctoral dissertation, [sn]).
- Bourdieu, P. (2014). Notas provisórias sobre a percepção social do corpo. *Pro-posições*, 25, 247-256. <https://doi.org/10.1590/S0103-73072014000100014>.
- Butler, J. (2017). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Editora José Olympio.
- Fanon, F. (2008). *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Edufba
- Farias, R. P. V. P. (2022). *A trajetória da mulher Warao do delta do Orinoco até Manaus: continuidades e rupturas* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Amazonas]. Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Amazonas
- Foucault, M. & Ramalhete, R. (1996). *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Vozes.
- García-Castro, A. & Heinen, D. H. (1999). Planificando el Desastre Ecológico. El cierre del Caño Manamo en el Delta del Orinoco, Venezuela. *Antropológica*. 91, 31-56.
- Lafée, C. A. & Wilbert, W. (2001). *Hijas de la luna: Enculturación femenina entre los waraos* (No. 45). Fundación La Salle de Ciencias Naturales, Instituto Caribe de Antropología y Sociología.
- Le Breton, D. (2007). *A sociologia do corpo*. Editora Vozes Petrópolis.
- Le Breton, D. (2011). Antropologia do corpo e modernidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 45(4), 185-188. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2011001100022>.
- Lopes, A. J. P. (2012). *Corpo e cultura: noções contemporâneas*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso]. Repositório Institucional Universidade Federal de Mato Grosso
- Martin, E. A. (2006). *Mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução*. Editora Garamond.
- Mbembe, A. (2017). *Crítica da Razão Negra*. Ed. Antígona
- Merleau-Ponty, M. (1945). *Fenomenologia da percepção*. Livraria Martins Fontes Editora
- Merleau-Ponty, M. (1997). *O olho e o espírito*. Editora Cosac Naify.
- Morin, E. (1977). *O método 1: a natureza da natureza*. Publicações Europa-América.
- Nóbrega, T. P. D. (2010). *Uma fenomenologia do corpo*. Editora Livraria da Física.

- Nóbrega, T. P. D. (2018). *Estesia: corpo, fenomenologia e movimento*. LiberArs.
- Organização Internacional para as Migrações (OIM) (2009). *Glossário sobre Migração*. Editora: Organização Internacional para as Migrações.
- Ramos, L., Botelho, E. & Tarragó, E. (2017). *Sobre a situação dos indígenas da etnia Warao, da região do delta do Orinoco, nas cidades de Boa Vista e Pacaraima* (Parecer Técnico SEAP/6aCCR/PFDC Nº 208/2017). Procuradoria Geral da República.
- Robert Clark, P. (2009). *Tribal Names in the Americas*. McFarland & Company.
- Santaella, L. (2004). *Corpo e comunicação: sintoma da cultura*. Ed. Paulus.
- Sassen, S. (2014). *Expulsions: Brutality and complexity in the global economy*. Harvard University Press.
- Sayad, A. (2002). *La doppia assenza: Dalle illusioni dell'emigrato alle sofferenze dell'immigrato*. Raffaello Cortina Editore
- Simões, G.D.F. (2017). *Perfil sociodemográfico e laboral da imigração venezuelana no Brasil*. Editora CRV.
- Viloria, H. & Córdova, C. (2018). Sistema de producción de ocumo chino (Colocasia esculenta (L.) Schott) en la parroquia Manuel Renaud del municipio Antonio Díaz del estado Delta Amacuro, Venezuela. *UDO Agrícola*, 8(1) 98-106.

Citado. Viana Pinto Farias, Rosa Patricia y Golin, Carlo Henrique (2025) "As mudanças no corpo da mulher Warao em seu processo migratório da Venezuela à Manaus/Brasil" en Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad - RELACES, N°49. Año 17. Diciembre 2025-Marzo 2026. Córdoba. ISSN 18528759. pp. 37-51. Disponible en: <http://www.relaces.com.ar/index.php/relaces/issue/view/692>

Plazos. Recibido: 12/10/2024. Aceptado: 10/06/2025.